



*Julia Quinn
Eloisa James
Connie Brockway*

Três autoras, uma história



A DAMA MAIS

desejada



Julia Quinn

A DAMA MAIS DESEJADA

Três autoras, uma história

Julia Quinn, Eloisa James e Connie Brockway

*Este livro é dedicado a todas as pessoas
maravilhosamente engraçadas e animadas que visitam
nossas páginas no Facebook.*

*Nós três nos divertimos muito com vocês, e esperamos
que também se divirtam ao ler este livro!*

CAPÍTULO UM

20 de agosto de 1817

Residência do marquês de Finchley

Cavendish Square, 14 – Londres

Depois de anos sendo alvo de risadinhas, gritinhos e crises de riso descaradas, Hugh Theodore Dunne, conde de Briarly, entendia perfeitamente bem que um irmão mais velho existe, antes de mais nada, para a diversão das irmãs mais novas. Afinal, os pais o haviam brindado com quatro delas. Tiveram o herdeiro e precisavam de mais filhos, mas só conseguiram produzir meninas, que transformaram em um tipo de arte o ato de zombar do único irmão.

– Uma lista! – dizia a mais velha das quatro, Carolyn, praticamente uivando de tanto que ria. – Georgie, você ouviu o que Hugh acabou de dizer?

Talvez ele não devesse ter levantado a questão na frente da melhor amiga da irmã, já que lady Georgina Sorrell estava praticamente tendo convulsões de riso.

– O que há de tão engraçado nisso, pelo amor de Deus? – quis saber Hugh, começando a ficar irritado. – Você mesma já me avisou milhares de vezes que tenho que me casar, a menos que queira que Simon Dissimulado herde meu título. Aqui estou eu, inclinando a cabeça para o laço da forca, e você aí, rindo descontroladamente e achando hilário.

– *Realmente* acho que você deve se casar – retrucou Carolyn. – Tenho certeza de que já disse isso mil vezes. Mas agora que você finalmente decidiu seguir meu conselho, quer que eu escolha a esposa? – Mais uma gargalhada. – Quer que eu faça uma *lista*?

– Desculpe – disse Georgina, um tanto arfante. – Não era minha intenção rir do assunto. Vou deixar vocês conversarem em particular. Estou indo.

Hugh não conseguiu conter um sorriso quando risinhos escaparam por trás dos dedos dela. Sempre gostara de Georgie, desde quando ela ainda usava vestidinhos de avental. E Georgie não andava rindo muito nos últimos tempos.

– Parem de rir – ordenou ele às duas. – Não tenho tempo para ficar dando voltas em um salão de baile fazendo esse tipo de coisa sem ajuda. Vocês estão sempre nesses lugares, conhecem a manada. Basta indicarem uma mulher com boa linhagem e bons dentes.

– Parece que ele está interessado em adquirir uma Hereford – disse Georgina para Carolyn.

– Não uma *vaca* – corrigiu Carolyn. – Um cavalo. Você conhece Hugh, ele só pensa em cavalos, dia e noite.

– Ei, eu estou bem aqui na frente de vocês – lembrou Hugh. – Podem rir o quanto quiserem, mas ainda estou esperando a lista.

– Hugh – disse Carolyn.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Você está falando sério?

Era um mistério, para Hugh, por que a irmã achava que ele não estava falando sério.

– Não tenho tempo para ficar caçando uma esposa – argumentou. – Estou treinando um garanhão novo, Carol. Ele é um...

– Um minuto – interrompeu Georgina. – O que fez você decidir se casar?

– O riso havia desaparecido completamente da voz dela, como se nunca tivesse existido.

– O que aconteceu é que ele finalmente está crescendo – disse Carolyn, em um tom animado. – E, aos 28 anos, já estava na hora.

Georgina fez um gesto de impaciência com a mão.

– Algo o trouxe até aqui, Carol. – E se virou para Hugh. Georgina tinha um maxilar delicado, mas era impressionante como conseguia demonstrar pura determinação. – O que aconteceu?

Hugh encarou Georgina. Ele conhecia a amiga da irmã desde que ela tinha 5 anos. As mães deles eram amigas próximas, então sempre passavam o verão juntos. Não que ele a tivesse visto muito nos últimos cinco anos... na verdade, não tinha uma conversa séria com Georgina desde o velório do marido dela. E isso tinha sido... quando, dois anos antes?

– Hugh? – chamou Carolyn, também já sem o tom zombeteiro.

– Não precisa fazer disso um espetáculo – disse ele.

Hugh se perguntou quando os olhos de Georgina haviam ficado tão sérios. Ela havia passado a infância morrendo de rir, algo de que ainda gostava, mesmo sendo claramente uma matrona. Uma viúva, embora não devesse ter mais de 25 anos, já que ela e Carolyn regulavam idades.

Ela estava sentada muito ereta, os olhos fixos nele.

– Richelieu me derrubou – admitiu Hugh.

Carolyn arquejou.

– Mas você vive caindo...

Hugh fez uma careta.

– Faz parte do trabalho. Não se pode domar um cavalo, principalmente aqueles que mais me agradam, sem quebrar um osso de vez em quando.

– Mas, obviamente, dessa vez foi diferente – observou Georgina. – O que aconteceu?

– Eu... apaguei – admitiu ele, com relutância.

– Apagou? – repetiu Carolyn. – Como assim? Desmaiou?

– Mais do que isso. Entrei em coma, ou ao menos foi o que disseram.

– Por dias? – quis saber Georgina. O tom dela era firme e calmo. É claro, ela havia visto o marido morrer. E o homem tinha demorado meses para partir... quase um ano.

– Uma semana – respondeu Hugh, resignado. – Completamente apagado.

– Por que eu não soube disso? – perguntou Carolyn, horrorizada.

Seus olhos azuis ficaram marejados, exatamente o motivo pelo qual Hugh não pretendia contar a ela de forma alguma.

– Peckering tem instruções claras sobre o que fazer no caso de um evento desses. E ele seguiu as instruções.

Houve um momento de silêncio na sala.

– Peckering é o seu cavaleiro? – perguntou Georgina.

– Meu valete – explicou Hugh. – Confiaria a minha vida a ele.

– Mas ele ao menos chamou um médico? Isso estava no plano?

– É claro. Mas não havia nada que os médicos pudessem fazer. Você sabe como é. A pessoa que bate a cabeça pode acordar, ou não.

– E mesmo se acordar, pode ficar com sequelas pelo resto da vida – acrescentou Georgina.

Ela estava muito pálida, tanto que as sardas se destacavam. Georgina sempre fora muito branca, o que combinava com o cabelo muito ruivo.

– Não tive sequelas – apressou-se a dizer Hugh. – Estou completamente *compos mentis*, como podem ver.

Não que ele não tivesse temido a possibilidade de sequelas, principalmente porque a visão tinha demorado um pouco a retornar. Foi durante o dia que passou deitado sem enxergar, depois de voltar a si, que percebeu que havia chegado a hora de produzir um herdeiro. Era isso, ou parar de treinar cavalos. E era infinitamente preferível arrumar uma esposa.

– Ah, Hugh – disse Carolyn, com a voz chorosa. – Não suporto saber disso!

Ele foi até ela, levantou-a como se ela ainda fosse uma menininha e se sentou com a irmã no colo.

– Estou bem, Carol – disse Hugh, dando palmadinhas carinhosas nas costas da irmã. – Você sabe que meu trabalho é arriscado. Já me viu cair uma centena de vezes.

– Não entendo por que você não pode simplesmente contratar alguém para fazer a parte perigosa – disse ela, apoiando-se no ombro dele. – As pessoas geralmente contratam um chefe de estábulos.

Hugh teve uma súbita lembrança de abraçar a irmã daquele jeito quando ela era muito menor, quando ainda chupava o dedo. Provavelmente a lembrança era de logo após da morte da mãe deles, imaginou Hugh, quando ele tinha 9 anos e Carolyn apenas 5 ou 6.

– Porque treinar os cavalos é a minha vida – respondeu ele, com objetividade. – E eu tenho um chefe de estábulos. Tenho na verdade três, veja você, contando com os estábulos na Escócia e em Kent. Mas quando aparece um cavalo como Richelieu, eu sou o único a lidar com ele.

– Por que não pode trabalhar com cavalos normais, então? – reclamou ela. – Por que tem que ser esses árabes terríveis, tão violentos e descontrolados?

– Eles não são violentos por natureza – retrucou Hugh, e visualizou os lindos animais com quem passava a vida. – Richelieu é bem-humorado, e, para ele, é um jogo tentar levar a melhor sobre mim. Se eu domar seu espírito, destruo sua capacidade de vencer.

– Não conheço nenhum outro conde que passe os dias de maneira tão perigosa – comentou Carolyn, já começando a ficar emburrada, o que significava que estava se sentindo melhor.

Ele se levantou, colocou-a no chão e sorriu para ela.

– Pronto, aqui está minha irmãzinha rabugenta de volta.

– É bem feito para você se eu ficar rabugenta. Você me enlouquece, Hugh. Quase nunca nos encontramos, então você quase morre e não me conta nada, e... eu *me preocupo* com você!

– Há anos você me atormenta para que eu me case. Desde que fiz 18 anos, e isso foi longos dez anos atrás. Pense só como você vai ficar feliz. Não devo demorar para resolver a situação.

– Doe? – perguntou uma voz baixa.

Ele se virou e encontrou os olhos impressionantes de Georgina, de um tom escuro de púrpura. Como o das flores de lavanda que a governanta de Hugh pendurava na despensa. E Georgina encarava um homem com firmeza, sem afetação. É claro que ela não bancaria a coquete com ele. Hugh era como um irmão mais novo para ela.

– Não – respondeu ele. Mas logo se corrigiu: – Sim. – Não queria mentir para Georgina. – Minha cabeça doía muito quando finalmente acordei. Algo a ver com a luz, eu acho. Mas fiquei bem depois de alguns dias.

Carolyn correu para a porta, deixando escapar um pequeno soluço.

– Piers, aconteceu uma coisa horrível... Hugh ficou em coma por uma semana e não avisou nada! – disse ela, jogando-se nos braços do marido.

– Finch – disse Hugh, cumprimentando o cunhado com o apelido camarada que sempre usava com ele.

O marquês de Finchley não se inclinou para retribuir o cumprimento, já que estava com os braços ocupados com a marquesa, mas assentiu.

– Caiu de cabeça?

– Infelizmente.

– Ele me parece muito bem – disse Finchley a Carolyn.

– Hugh quase morreu – disse ela, a respiração saindo em mais um soluço.

O cunhado lançou um olhar para Hugh que dizia, direto como um tiro, que ele nunca deveria ter contado à irmã.

– Eu não pretendia – disse Hugh, voltando a se sentar. – Georgina arranhou a informação de mim.

Georgina ainda estava sentada muito ereta.

– Ele veio se oferecer em sacrifício ao altar do casamento – retrucou ela com ironia. – Supus que houvesse tido ao menos um breve encontro com a morte para chegar a esse ponto.

Finchley assentiu.

– Só mesmo algo muito desagradável para tirar Hugh dos estábulos.

Hugh se ressentiu um pouco daquele comentário. Nos últimos dez anos, havia triplicado os bens que o pai lhe deixara, importando e criando puros-sangues árabes. Se não estava flanando pelos salões de baile, era só porque... só porque não existia para ele uma vida sem o suor, a empolgação e a pura alegria de um estábulo.

– Bem, estou aqui – disse bruscamente. – E planejo me casar, portanto, se quer zombar de mim você também, Finch, termine logo com isso.

Finchley segurou mais firme a cintura de Carolyn e deu um sorrisinho de lado por cima da cabeça dela.

– Por que eu faria isso?

É claro que o casamento deles havia sido por amor. Hugh não teria aceitado que fosse de outra maneira, já que Carolyn sempre fora a mais sensível das irmãs. Precisava que tomassem conta dela, e o marquês era o homem certo para isso.

– Ele está pedindo a Carolyn para fazer uma lista – explicou Georgina.

– Que tipo de lista? – perguntou Finchley.

– Uma lista de mulheres para casar – disse Hugh, sentindo que aquela tinha sido uma ideia idiota. Agora Finch também ia zombar dele.

– Acho que uma esposa é mais do que o bastante – declarou o cunhado, sorrindo.

– Obrigado pelo conselho tão incrivelmente inteligente – retrucou Hugh.

– Poderia parar de se pendurar no seu marido e anotar um nome ou dois, Carol? Pensei em ir ao Almack's esta noite para resolver o assunto.

– Ao Almack's? Caso você não tenha percebido, Hugh, a temporada social terminou. Há mais de uma semana. – A voz doce de Georgina mais uma vez escondia uma risada, mas ele odiou ver aquela tristeza nos olhos dela. Maldito fosse aquele marido por ter morrido.

– Isso significa que não posso conhecer mulheres simplesmente porque não estamos na temporada social? Carol, no ano em que você debutou, tive a impressão de que você passou todas as noites no Almack's.

– O Almack's é um clube que abre apenas uma vez por semana, e só durante a temporada social. E como você saberia com que frequência eu ia lá? – perguntou Carolyn em tom sarcástico. – Tia Emma estava sempre torcendo para que você me acompanhasse, e você nunca se deu ao trabalho, nem uma vez.

– Irmãos nunca...

– Nem tente – interrompeu-o Carolyn. – Seu amigo mais próximo, o conde de Charters, andou por toda Londres na última temporada, acompanhando a irmã.

– Pobre Alec – disse Hugh, achando a ideia engraçada. – Devo pedir que ele faça a lista para mim, então? Deve ter visto todas as mulheres que estão no mercado, já que passou tanto tempo nos salões de baile.

– Se alguém vai fazer essa lista, serei eu – declarou Carolyn. – *Eu* vou me comportar como uma boa irmã e tentarei encontrar uma esposa para você, mesmo que *você* tenha se recusado a me ajudar quando foi a minha vez de me casar!

– Você debutou no ano em que eu trouxe Monteleone da Arábia – argumentou Hugh. – Richelieu, o cavalo com que estou trabalhando agora, é cria dele.

– Ganhei um bom dinheiro apostando em Monteleone quando ele venceu em Ascot – disse Finchley com satisfação. Ele levou a esposa até o sofá e se sentou com ela.

– Está vendo? Finch conseguiu encontrar você sem a minha ajuda, e se na época eu estivesse zanzando por salões de baile, Monteleone não teria ganhado – disse Hugh.

– E se Monteleone não tivesse ganhado, ninguém iria querer a prole dele, e você não teria quase morrido sob o casco de Richelieu – lembrou Georgina.

– Georgie – disse Hugh, voltando ao apelido de infância dela –, pelo amor de Deus, me ajude aqui!

Carolyn fungou e endireitou o corpo.

– Então, com quem Hugh deve se casar, Georgina?

As duas ficaram encarando Hugh por um momento. Ele esperou.

– Gwendolyn Passmore? – disse Georgina, com um toque de dúvida na voz.

– Era exatamente nela que eu estava pensando – falou Carolyn, mas logo balançou a cabeça.

– Por que não? – quis saber Hugh. Então se deu conta de que não tinha ideia de quem era Gwendolyn Passmore. – Não quero me casar com ninguém que seja vesga – apressou-se a dizer. – Ou com manchas na pele.

– Gwendolyn não tem manchas. Ela é facilmente a debutante mais bonita do ano. Cabelos lindos, de um ruivo suave, com cachos perfeitos – esclareceu a irmã.

– Adoro ruivas – comentou Hugh. – Mas você não acabou de dizer que a temporada social acabou? Por que esse modelo de beleza não se casou com ninguém?

– Até onde todos sabem, ela recusou três pedidos de casamento, e tenho certeza de que houve outros. Dizem que Gwendolyn está esperando que o duque de Bretton se declare.

– As apostas de que o duque está prestes a perder sua liberdade são altas – contou Finchley. – Ele dançou com ela duas vezes no baile McClendon.

– Ele não tem estábulos – disse Hugh, dando de ombros.

– Não são estábulos que ganham o coração de uma mulher – retrucou Carolyn, franzindo a testa para ele. – Bretton mora muito bem.

– E é *muito* bonito – acrescentou Georgina.

– E eu não sou?

Por algum motivo, Hugh ficou incomodado ao ouvir Georgina dizer aquilo. Era verdade que ele não andava flanando por salões de baile, mas a mulher de quem ele era... bem... amigo nunca reclamara. Na verdade, Hugh tinha a forte impressão de que seus ombros largos e corpo musculoso eram muito bem-vistos.

– Ela está acima das suas possibilidades – disse a irmã. – Linda demais, desejável demais.

– Não concordo – disse Georgina, franzindo a testa. – Gwendolyn teria sorte se decidisse se casar com Hugh. Afinal, ele tem o seu cabelo, Carolyn. Carolyn sorriu.

– É o que eu tenho de melhor!

Hugh examinou os fios da irmã. Eram do mesmo tom castanho de co-nhaque que os dele, embora ele nunca tivesse dado muita atenção àquilo.

– Mas não sei se ela iria corresponder o interesse – continuou Georgina.

– Por que não? – perguntou Hugh.

– Ela é um pouco tímida – respondeu Georgina.

– E você tem o traquejo social de um elefante – comentou Carolyn bruscamente. – Além do mais, Gwendolyn é realmente uma sensação.

– Ela é a Carolyn desse ano – comentou Finchley, que abraçava a esposa, ao seu lado, com força.

Hugh o encarou. Independentemente do que acontecesse, não queria terminar meloso como o cunhado. Ainda assim...

– Se você conquistou a debutante mais desejada, eu com certeza consigo o mesmo – Hugh fez questão de registrar.

– Aí está uma comparação perfeita – aproveitou a irmã. – Piers sabe dançar. Ele me *cortejou*, Hugh. Me conquistou. Me mandou violetas todas as manhãs por três semanas inteiras. Você não conseguiria fazer essas coisas. Você sequer... Não. Simplesmente tire Gwendolyn da cabeça.

– E quanto à Srta. Katherine Peyton? – sugeriu Georgina. – Ela é tão adorável, e vem do campo. Entende de estábulos.

Carolyn tamborilou com os dedos no queixo, pensativa.

– Eu ouvi quando ela perguntou a lorde Nebel quantos carneiros ele criava em sua propriedade. O homem não sabia nem que criava carneiros.

– Tenho carneiros, mas, pelo que vejo, eles só sabem comer. Não correm – comentou Hugh. – Acho que prefiro Gwendolyn. Veja como funcionou bem para Finch.

– O que funcionou bem?

– Quero a melhor esposa disponível no mercado de casamentos – explicou Hugh prontamente. – Sei que você não gosta da comparação, mas não me parece assim tão diferente de comprar um cavalo. Sempre há um potro que todos acham que vai gerar um campeão. Gwendolyn é o potro disputado deste ano, então é ela que eu quero.

Carolyn revirou os olhos.

– Você não pode simplesmente comprar Gwendolyn, Hugh.

Ele sabia que era melhor ficar em silêncio. Mas tinha uma suspeita perspicaz de que o pai de Gwendolyn, fosse quem fosse, não ficaria aborrecido ao saber que a Briarly era uma das propriedades mais ricas de toda a Inglaterra. E se ele resolvesse oferecer Richelieu como um presente de casamento...

– Kate é absolutamente encantadora – disse Georgina. – Tem uma risada adorável e é muito bonita. E também tem dentes lindos.

Hugh não gostou da ideia de que Georgina, entre todas as pessoas, estivesse escolhendo uma esposa para ele – e ainda aproveitando a oportunidade para zombar dele. Os dentes dela, por falar nisso, eram muito brancos, como ele podia ver facilmente, já que ela estava rindo de novo. Qual era o problema de gostar de bons dentes? Ninguém iria querer se casar com uma mulher que tivesse um dente da frente acavalado.

– Concordo que Kate Peyton é uma ideia brilhante – disse Carolyn. – Não acha, Piers?

O cunhado deu de ombros.

– Não dá para planejar essas coisas.

Naquele ponto, Hugh discordava dele.

– Quero só mais um nome – pediu. – Tenho Gwendolyn, Kate e...

– Georgina – sugeriu Finchley. – Por que não Georgina?

Carolyn e Georgina desataram a rir, o que irritou Hugh ainda mais.

– Como se eu quisesse que a minha amiga mais querida passasse o resto da vida tentando convencer o marido a sair dos estábulos! – exclamou Carolyn.

Ele estreitou os olhos e esperou até que Georgina parasse de rir.

– Você *está* no mercado, não *está*? – perguntou Hugh objetivamente. – Afinal, já se passaram dois anos desde que seu marido morreu.

– Sim, é verdade – disse ela, a risada murchando como o ar escapando de um balão furado.

Hugh sentiu uma pontada de culpa.

– Desculpe. Foi rude da minha parte trazer o assunto à tona. Maldição, sou mais desajeitado do que um menino de estábulo.

– Está tudo bem – garantiu Georgina, conseguindo dar um sorriso que curvou seus lábios, mas não chegou aos olhos. – Eu prefiro não entrar na sua lista, se você não se importa. Não tenho desejo de me casar de novo.

– Não quer se casar de novo? – perguntou Hugh, espantado. – Nunca mais? Ela balançou a cabeça.

– A propriedade de Richard não tinha nenhuma restrição de herança. Não preciso da proteção da renda de um homem.

– Não é essa a questão – disse ele. – E quanto a ter a companhia de alguém? E filhos?

Uma sombra cruzou os olhos de Georgina, e Hugh percebeu que havia tocado em um ponto sensível do argumento dela.

– Até eu me lembro de como você arrastava aquele boneco de pano verão após verão – disse ele. – Estava sempre colocando-o na cama, dando folhas para ele comer e tudo o mais.

– Nunca demos folhas para as nossas bonecas comerem – reclamou Carolyn, indignada. – Bolotas de carvalho, sim; folhas, não.

– Quando não estávamos tentando fazer os bonecos velejarem pelo riacho – disse Georgina. – Chega, Carol. Acho que o tratamento que dávamos aos nossos pobres bonecos só prova nossa inadequação para a maternidade. Lamento não ter tido filhos, mas não consigo me imaginar voltando a me casar apenas por esse motivo. Isso não vai mais acontecer.

– Não concordo – falou Carolyn. – Você simplesmente não conheceu um homem que fosse um adulto de verdade. Vamos encontrar um homem de verdade para você, como o meu Piers. Talvez um militar.

Hugh abriu a boca... e logo voltou a fechar. Afinal, aquilo não era problema dele.

– Onde diabos vou encontrar essa Gwendolyn, se o Almack's está fechado? – perguntou à irmã.

– Reuniremos um grupo para passar uma temporada lá em casa – apresou-se a dizer ela. – Mandarei convites para daqui a quinze dias. Convidarei Gwendolyn e Kate. Ah, e algumas outras debutantes também. Depois que eu fizer chegar aos ouvidos de algumas mães que você estará presente, conseguirei que todas as donzelas solteiras que você puder desejar estejam lá.

Hugh grunhiu. Estava vagamente consciente de que era o alvo de um fervor casamenteiro – era difícil ignorar isso, já que era regularmente assediado nas corridas, especialmente em Ascot. Mas nunca prestara a mínima atenção a isso antes.

– Não é necessário que sejam todas donzelas.

– Ora, isso é bastante liberal da sua parte – comentou Carolyn, com uma careta típica de irmã mais nova. – Mas, como dificilmente serei capaz de entregar um questionário perguntando sobre a experiência das jovens nesse campo, teremos que deixar como está.

– Estou dizendo que ficaria feliz em me casar com uma mulher mais velha – esclareceu ele. – Uma viúva. Não Georgina, já que ela aparentemente está fora do páreo, mas o que estou dizendo é que preferia que minha esposa não tivesse 16 anos.

– Não havia debutantes com 16 anos esta temporada – comentou a irmã, com tranquilidade. – Dezessete, talvez. Mas a moda no momento é esperar um pouco antes de debutar. Acredito que Gwendolyn esteja perto dos 20.

– Ela me parece uma opção cada vez melhor – disse Hugh.

– E como não posso convidar apenas mulheres – continuou Carolyn –, sei exatamente quem vou convidar para você, Georgie.

– Para *mim*? – exclamou Georgina, não parecendo nada animada com a perspectiva, o que por algum motivo agradou a Hugh.

– Ela acabou de dizer que não deseja se casar – lembrou ele.

Finch o encarou com uma expressão que dizia que não adiantava se meter na conversa, e, realmente, Carolyn continuou como se ele não tivesse falado nada:

– O capitão Neill Oakes. É um herói de guerra, dono de uma propriedade adorável... não que você precise disso... e, acima de tudo, ele é tão *másculo*! Eu nem gosto de uniformes e mesmo assim fiquei toda arrepiada quando o vi sendo apresentado à rainha.

Hugh percebeu que Georgina não se apressou a afastar a ideia.

– É melhor ser cuidadosa nesse caso – disse ele, assumindo o papel de irmão mais velho. – A guerra pode fazer coisas terríveis a um homem.

– Ele tem olhos fabulosos, muito negros, parecem atravessar a pessoa – comentou Carolyn, sonhadora.

Hugh percebeu que Finch também não estava gostando nada da descrição. Ele apertou com mais força a esposa, que pareceu despertar.

– Também vou convidar o duque de Bretton – continuou ela. – Caso contrário, a mãe de Gwendolyn jamais aceitará o convite. Ouvi dizer que ela está determinada a transformar a filha em duquesa. E quem pode culpá-la, não é mesmo?

– E você vai organizar essa temporada no campo para daqui a quinze dias? – perguntou Hugh.

– Sim. Será na Mansão Finchley, é claro. Todos da casa já estão prontos para a mudança, amanhã.

– Temos a melhor caçada a gansos ao sul da Escócia – lembrou o cunhado. – Você nunca esteve lá conosco, em setembro.

Hugh dificilmente poderia declarar, naquele momento, que não gostava nem um pouco de perambular pela floresta tentando matar algum animal. Ainda mais naquele momento, quando acabara de ser estabelecido que heróis de guerra davam os melhores maridos.

– Além do mais, é meu aniversário de 25 anos – disse Carolyn, em um tom presunçoso. – Piers me prometeu um presente maravilhoso. Quem sabe você pode aprender com ele como fazer uma mulher se apaixonar por você, Hugh.

– Você tem sorte por estar sentada do outro lado da sala – ameaçou Hugh. – Porque eu adoraria beliscá-la.

O marquês sorriu para ele.

– Não se preocupe, meu velho. Vou lhe dar algumas sugestões... se me der o próximo potro da cria de Monteleone.

– Nem sonhe com isso! – disse Hugh, bravo. Mas isso o fez lembrar: – Mas levarei Richelieu, é claro – informou ao cunhado. – Haverá lugar para ele nos seus estábulos?

– Com certeza! Estão todos falando de Richelieu, e ninguém o viu ainda.

– Não posso me afastar dele, nem mesmo por uma semana ou duas – disse Hugh. – Aquele bicho ama correr, mas pode acontecer algo com a boca dele se eu permitir que outra pessoa termine o treinamento.

– Richelieu *não* está convidado para o meu grupo – informou Carolyn, categórica. – Só vou convidar a variedade de machos de duas pernas, e todos já têm que ter sido domesticados.

Hugh estava prestes a dizer à irmã que, nesse caso, ele não iria, quando Finchley deu uma sacudida de leve na esposa.

– Você pode não conseguir que o duque de Bretton vá ao campo só porque há uma linda debutante em oferta. *Ela* talvez até tenha decidido se casar com ele, mas garanto que Bretton não está assim com tanta pressa de se enforçar. – Ele encontrou os olhos de Hugh com uma expressão significativa. Os dois sabiam que a nova e deliciosa amante de Bretton, uma cantora de ópera alegremente conhecida como Delilah Deliciosa, provavelmente o seguraria em Londres. – Mas se souber que Richelieu está sendo treinado na minha propriedade – continuou Finchley –, Bretton irá. E outros homens também. *Esse* é o chamariz que fará os cavalheiros comparecerem.

– Bretton estaria lá em um piscar de olhos – concordou Hugh. – Ele tentou comprar Monteleone de mim umas cinco ou seis vezes.

– Mas você não quer que Bretton vá – lembrou Georgina, parecendo achar graça. – Ele é seu rival pela mão de Gwendolyn, lembra-se?

– O dia em que Bretton for um rival para mim, eu vou...

– Vai o quê? – interrompeu a irmã, rindo. – Jogar a toalha? Declarar solteirice eterna?

Ela caiu na gargalhada, e voltaram para o ponto em que a conversa havia começado. Hugh preferiu sair da sala.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE JULIA QUINN

Os BRIDGERTONS
O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

Os ROKESBYS
Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE ELOISA JAMES

Quando a Bela domou a fFera
Um beijo à meia-noite
A duquesa feia
A torre do amor

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos
lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

